

Inauguração: Sexta-feira, 17 de Maio, 22h

18 Maio – 15 Junho, 2013

Terça a Sábado das 14h às 19h

—
**Catarina de Oliveira, Diogo Evangelista, Joana Escoval,
Musa paradisiaca e Pedro Henriques**

—
Performances por Catarina de Oliveira:

O Ensaio 17 Maio, 23h

As Leituras de Tomás 6 Junho, 22h

Performers: Diogo Belizário e Carlos Aragão

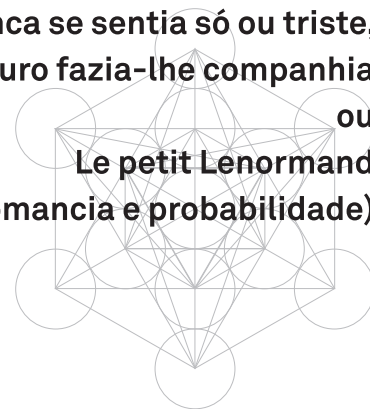
—
Curadoria de Luís Silva

TEXTO POR LUÍS SILVA

MAIO, 2013

Quando lhe perguntavam a razão pela qual fazia o que fazia, respondia apenas que o futuro duraria, invariavelmente, mais do que o passado. Sempre. E tal facto existia para além de qualquer argumentação. Por muito que o passado se expandisse, crescesse a partir do eterno colapso do presente, o futuro seria incomensuravelmente maior. O futuro, aquele período indefinido para além do presente, cuja chegada se apresenta como inevitável devido ao tempo e às leis da física, constituía-se assim como o seu objeto de investigação. O uso da expressão “objeto de investigação” talvez fosse mais metafórico que real; a bem da verdade, e sem pretender cair em falsas modéstias, como pretender investigar o que ainda não existe, o que apenas se antecipa, projeta ou deseja? Conhecia muito bem o dilema, ou impossibilidade ontológica, termo que preferia por uma questão de exatidão conceptual, em que a sua prática entroncava. Mas isso nunca tinha sido um impedimento, antes pelo contrário. A forma escolhida de se relacionar com os outros era através do futuro, independentemente do tipo de relação, grau de proximidade ou imperativo profissional. O seu mundo não era, portanto, o mundo dos outros; era sim uma visão do que o mundo dos outros poderia vir a tornar-se, um permanente devir. Este desfasamento temporal, e mental sobretudo, trazia consigo inúmeros constrangimentos, sendo o mais óbvio a possibilidade, bastante concreta, do mundo futuro nunca se tornar num mundo presente, ou seja, o imaginado não redundar em efetivo. Os métodos por si usados nessa tentativa de realizar um futuro eram díspares tanto em forma como em conteúdo, ainda que os resultados nunca parecessem depender de tal diferenciação metodológica. Mais intuitivas ou tangenciais, especulativas, sobretudo, algumas dessas ferramentas ensaiavam o futuro como uma espessa cortina de nevoeiro cuja dissipação seria fundamental, caso se pretendesse vislumbrar o que existia para além dela. O futuro como fenómeno natural complexo, errático e incerto. Como opacidade, portanto. Igualmente fundamentais, mas diametralmente opostas, algumas das ferramentas assumiam-se determinantemente empíricas.

**Apesar de tudo, nunca se sentia só ou triste,
o futuro fazia-lhe companhia
ou
Le petit Lenormand
(cartomancia e probabilidade)**



Revestiam-se de cuidadas observações, cálculos e medidas. Pressupunham ordem, razão e lógica em tudo o que tinha sido e em tudo o que poderia vir a ser. O futuro como ordem de eventos clara, articulada e facilmente previsível. Como transparência, portanto. Ainda que os seus detratores lhe apontassem esta dicotomia de métodos como uma total ausência de postura ética em relação ao futuro, uma perigosa inconsequência em relação ao que estava por vir, a sua prática nunca assumia ou reconhecia, nem para si nem para os outros, a existência de tal dialética metodológica. Para si, ambas as estratégias eram uma e a mesma coisa ou, quando muito, simplesmente as duas faces de uma moeda. Síntese e análise, dizia repetidas vezes, em tom de provocatória defesa. Uma coisa nunca poderá ser o que é e, simultaneamente, o seu oposto, nem mesmo o futuro, insistiam os céticos, aqueles que desconfiavam não apenas dos seus métodos, mas sobretudo dos seus resultados. A predileção pelo complexo, por aquilo que não se descortina imediatamente, a consequente recusa explícita de simplificação do seu projeto, a contradição intrínseca ao exercício de prever, antever, projetar, imaginar ou desejar o que está temporalmente longe, e que poderá nunca chegar até si, desenhavam, assim, uma declaração de intenções que, para além da escolha metodológica, e talvez de forma mais preponderante que esta, guiava toda e qualquer tentativa de aproximação que realizava. Seria assim o seu mundo, independentemente das contrariedades, até ao momento em que um dos seus futuros finalmente se materializasse, diante dos seus olhos, em presente.

Pedro Henriques

(Porto, 1985) vive e trabalha em Lisboa. É licenciado em Pintura pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Das exposições individuais que realizou destacam-se: “Outros Cinzentos” (Biblioteca Camões, Lisboa, 2013) e “The Quiet Messenger” (Round The Corner, Lisboa, 2009). Uma seleção das exposições coletivas em que participou inclui: “Concrete Mirrors” (Crypt Gallery, London, 2012), “Summer Calling” (Galeria 3+1, Lisboa, 2012), “Zip Bung” (Sala do Veador, Lisboa, 2011), “Nada em Comum” (Edifício Banco de Portugal, Leiria, 2011), “Anteciparte 2009” (Museu do Oriente, Lisboa, 2009), “Uma mesa e três cadeiras” (Edifício ETIC, Lisboa, 2009) “Junho das Artes” (Óbidos, 2009), “O Intervalo entre Pesos” (Espaço Avenida, Lisboa, 2008), “A Proximidade da Cópia” (Espaço Avenida, Lisboa, 2008).

Musa paradisiaca

Projecto artístico centrado no diálogo, dirigido por Eduardo Guerra (Lisboa, 1986) e Miguel Ferrão (Lisboa, 1986). Assente em parcerias temporárias com entidades de variada competência, *Musa paradisiaca* assume diferentes formas, mantendo um carácter discursivo e participativo. Daí deriva a proposta para a criação de uma família pensante que, a várias vozes, se afirma. Mantendo, desde 2010, um programa editorial caracterizado por apresentações online, *Musa paradisiaca* tem vindo a pluralizar a sua prática. As suas edições apresentadas online (www.musaparadisiaca.net) incluem “A permanência do discurso e da acção” (2012), “A festa mais bonita que eu já vi” (2011), “O oráculo emudecido” (2011) e “Para uma história dos cheiros” (2010). Das sessões públicas que realizou destacam-se “Auto da emulação” (Cinemateca Portuguesa, Lisboa, 2013), “Tiro à gota” (Old School, Lisboa, 2012), “Assembleias 1 & 2” + “Revisão de guiões: ciclo de conversas encenadas” (Laboratório de Curadoria, Fábrica Asa, Guimarães, 2012) e “A festa mais bonita que eu já vi – leitura encenada para um cabeçudo” (Galeria Quadrum, Lisboa, 2011). Uma selecção das exposições coletivas em que participou inclui “A Entrevista Perpétua” (Primeira Avenida, Porto, 2013) e “Tem calma o teu país está a desaparecer” (Galeria Zé dos Bois, Lisboa, 2012). Das residências artísticas em que participou destacam-se o Laboratório de Curadoria (Guimarães, 2012) e Novo Novo México (Abrantes e Mação, 2012).

Diogo Evangelista

(Lisboa, 1984) vive e trabalha em Lisboa. É licenciado em Pintura pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Das exposições individuais que realizou destacam-se: “Right Lobe” (Old School, Lisboa, 2012), “No Future In That Place” (Parkour, Lisboa, 2012), “Preparations for an Eclipse” (Uma Certa Falta de Coerência, Porto, 2012). Uma seleção das exposições coletivas em que participou inclui: “Entre lo fugitivo y lo infinito” (Galeria Maister-ravalbuena, Madrid, 2013), “A Quest for Flight or The Aurora of psychedelia” (Barber Shop, Lisboa, 2013) e “Como proteger-se do tigre:” (Bienal de Vila Nova de Cerveira, 2011).

Catarina de Oliveira

(Lisboa, 1984) vive e trabalha em Lisboa. É mestre em Artes Plásticas pelo Piet Zwart Institute. Foi artista residente no Watermill Center (Nova Iorque, 2012) e na Kunsthuis SYB (Beetsterzwaag, 2011). Das performances que realizou destacam-se os seguintes programas: “As Crónicas do Caranguejo Azul” (Parkour, Lisboa, 2013), “It seems the hardest thing is realizing you are in charge” (Watermill Center, Nova Iorque, 2012), “The Chronicles of the Blue Crab” (Tent, Roterdão, 2012), “As each of us was many people, we became quite crowd!” (Bonheur Theatre, Roterdão, 2011). Uma selecção das exposições coletivas em que participou inclui: “Off the S(h)elf” (Stockwell Studios, Londres, 2012), “A Map of Misreading” (Tent, Roterdão, 2012), “BESrevelação” (Casa de Serralves, Porto, 2011), “Life of an Artist” (Live in Your Head, Geneva, 2011).

Joana Escoval

(Lisboa, 1982) vive e trabalha em Lisboa. É licenciada em Pintura pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Das exposições individuais que realizou destacam-se: “Outlaws in Language and Destiny” (Parkour, Lisboa, 2013), “Mother Wild” (Halfhouse, Barcelona, 2011), “Onde no mundo inteiro/Where in the entire world” (Estufa da Tapada das Necessidades, Lisboa, 2010). Uma seleção das exposições coletivas em que participou inclui: “BESrevelação” (Casa de Serralves, Porto, 2012), “O Som” (Museu Nogueira da Silva, Braga, 2012), “O Sol morre cedo” (Pavilhão Branco – Museu da Cidade, Lisboa, 2009).